



O Mito da Vitória-Régia

Pedro Alves Gomes¹
Raquel Saraiva Christo²

RESUMO

Este artigo visa discutir um pouco acerca do mito indígena da Vitória-Régia tomando como base, principalmente, as obras do antropólogo francês Claude Levi Strauss. Primeiramente feita uma discussão sobre a maior complexidade possível de conceituações sobre o que seria Mito para Strauss, lançando mão também de alguns conceitos e análises feitas por outros campos de conhecimento e autores acerca do tema. Posteriormente a essa análise, apresenta-se uma discussão sobre a importância do mito dentro da cultura indígena, e a representação de três versões principais de como se constitui o mito da Vitória-Régia para os índios. O mito enquanto simbologia de construção de identidade e pertencimento na cultura indígena, a relação entre ciência e mito evidenciam uma análise multiconceitual e multidisciplinar que objetiva a abrangência do maior número de conceitos possíveis para a elucidação da importância do respeito e estudo da cultura indígena como a formadora inicial da sociedade brasileira, muitas vezes apagada da historiografia tradicional e análises sociais.

Palavras-Chave: mito, Vitória-Régia, Levi Strauss, cultura indígena.

Recebido em 11/06/2019
Aceito para publicação em 10/01/2022

Introdução

O presente artigo visa discutir acerca do mito indígena da Vitória-Régia, tomando por base as diferentes versões desse mito. Para construir a discussão teórico-metodológica do trabalho serão utilizadas as definições utilizadas por Levi Strauss acerca da questão do mito, assim como outras visões sobre o mito, sua relação com a ciência e sua importância enquanto simbologia na construção

¹ Graduado em Curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestrando em Ciências Sociais pela mesma universidade. Endereço currículo Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3200110399782377>. Endereço de email: pedroag96@hotmail.com.

² Graduada em Curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisadora na área de Ciência Política. Endereço Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8038732388546502>. Endereço de email: raquelsaraivachristo@gmail.com.

de identidade e pertencimento a cultura indígena, forma de resistência de heranças culturais por meio de tradição oral e escrita.

A cultura indígena é uma das mais interessantes quando se trata de pesquisas e análises no campo da antropologia, fornecendo vários elementos que podem ser explorados. Entre esses elementos pode-se destacar a herança da cultura indígena enquanto meio de pesquisa dos “mitos” e suas origens. Em sua relação com a natureza a cultura indígena traz consigo a transmissão de suas tradições culturais, e dessa forma buscam trazer uma explicação sobre a origem das coisas, ou seja, a tradição oral representa uma forma de resgate da história e manutenção de sua cultura.

É nesse contexto que surge o objeto de análise desse trabalho que baseado nas pesquisas e conceitos utilizados pelo antropólogo Levi Strauss se tornou possível o estudo que é chamado de Mito da Vitória-Régia, tradicionalmente mais conhecido no Norte do Brasil e originário da região amazense. O que atualmente é apenas a uma das maiores plantas aquática do mundo tem origem em mitos indígenas.

O antropólogo Levi Strauss parte do princípio de mito enquanto uma representação que pode adquirir diferentes versões e conseqüentemente interpretações simbólicas variadas de acordo com o contexto da cultura do local o qual se representa. Strauss entende que o mito é uma representação que parte do mundo dos sentidos, as representações simbólicas do mundo se dão a partir de apropriações significativas que se diferem da ciência e se contradizem com os antagonismos e contradições dessas representações.

Descendente da escola francesa de Antropologia, Strauss que tem como formação inicial a filosofia, mas se debruça sobre diversos aspectos referentes à antropologia, e nesse sentido busca demonstrar uma estrutura social sustentada em bases de interpretações simbólicas, aliado a outra linha de estruturação mental baseado nas concepções de mitologia com referenciais de etnologia indígena, nesse caso, o Mito da Vitória-Régia como uma maneira de interpretação de elementos místicos da cultura indígena, uma das mais importantes culturas em termos de interpretações de oralidade e transmissão de elementos por gerações.

Nesse sentido o objetivo principal do trabalho além de discutir um pouco da cultura indígena e seus mitos, busca refletir sobre a relação ente ciência e mito, evidenciando algumas linhas sobre o mito enquanto simbologia cultural, para isso toma como análise principal o Mito da Vitória-Régia, estabelecendo uma explanação sobre a definição do que pode ser considerado mito, e

evidenciando alguns aspectos da produção intelectual de Levi Strauss sobre o assunto.

A cultura indígena na história do Brasil

A história do Brasil começa muito antes do que convencionalmente se estuda a partir da chegada dos portugueses, pois ao contrário do que destaca a historiografia tradicional, o Brasil não foi “descoberto” pelos portugueses. Conta-se a história somente de um lado, nos parágrafos que se seguem pretende-se mostrar um pouco do outro lado da história, ou seja, a história do Brasil com a presença daqueles que aqui habitavam muito antes da chegada dos portugueses, um pouco da imensa e rica história da cultura indígena.

Muito antes da chegada de qualquer imigrante europeu na América, no caso específico do Brasil com os índios, e na América Latina os Maias, Astecas e Incas já habitavam essas terras. Com a chegada desses imigrantes houve constantes choques culturais, que se evidenciavam por meio de conflitos ocasionando a morte de muitas pessoas, muito mais dos nativos que foram dizimados, e os que restaram, em sua maioria, foram aprisionados para serem utilizados como escravos.

Todo encontro de cultura é conflituoso por si só (SAHLINS, 1990), mas no Brasil, especificamente, houve ao longo da história um processo de encoberta da cultura nativa, ou seja, a prevalência da cultura dos imigrantes sobre a cultura indígena. Dessa maneira, mesmo que não esteja em relevância na historiografia, a cultura indígena ainda está presente em diversas partes do país e é fundamental no processo de formação da sociedade brasileira, ou seja, o entendimento dessa sociedade criada após a chegada dos imigrantes.

Essa chamada encoberta da cultura nativa, hoje já definida por alguns antropólogos como um processo de invisibilização da cultura indígena, que se resume em tornar todos os elementos dessa cultura como invisíveis ao olhar do senso comum da sociedade. Mas esse processo vem de muito tempo atrás, iniciou-se já na chegada dos portugueses, quando os índios eram feitos de escravos e as índias se tornavam objetos de relacionamento para os portugueses. Foram então nascendo filhos de índias com os lusitanos, nesse quesito, o antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro destaca um elemento muito importante, na medida em que os filhos dos lusitanos com as índias eram, na verdade, todos filhos de ninguém. Por conseguinte, é desses filhos de ninguém que nasce a ningüendade, característica do um povo sem identidade, mas também um povo único sem precedentes no mundo. (RIBEIRO, 1995).

Nesse trecho destaca-se dois elementos muito importantes, o primeiro se refere como a ninguendade representa o início da invisibilização da cultura indígena no país, e o segundo também muito importante diz respeito a como esse processo cultural vai gerando uma sociedade única em sua formação, e talvez por isso, uma sociedade marcada por falta de identidades, e o mais relevante nesse contexto de análise, essa sociedade sem precedentes nega seu passado na explicação do presente e no planejamento do futuro.

O passado do Brasil é a representação da aculturação, do massacre, do genocídio e de todos os processos derivados do choque cultural entre imigrantes e índios. Portanto, negar o passado é desconsiderar a existência dos índios enquanto cultura nativa que habitava esse território há muito, é também encobrir o extermínio sobre a cultura indígena de todo o país. A explicação do presente se passa na formação dessa sociedade marcada pela ninguendade que nega ainda a existência da cultura indígena ramificada por diversas regiões do Brasil, busca aculturar cada vez mais seus elementos culturais e suas formas de resistência e planeja um futuro numa sociedade mais desigual, mais preconceituosa, se aproximando de uma sociedade pura, dominada por uma só etnia, estratificada ao máximo econômica e socialmente.

Deve-se destacar também que a sociedade brasileira de uma forma geral além de única é marcada por grande diversidade cultural. A cultura indígena não se difere destas características, portanto, a compreensão de que a cultura indígena também apresenta diversidades ao longo de todo o território brasileiro. Essas diversidades podem ser observadas de diferentes maneiras, a mais evidente é a diversidade linguística, pois o Brasil apresenta mais de 170 línguas e dialetos falados por povos indígenas (MUNDURUKU, 2004). Outros elementos da diversidade cultural podem ser destacados como, por exemplo, as diferentes formas de habitações, a música variada conforme o grupo, assim como os mitos enquanto forma de diversificação e identificação cultural³.

Os mitos além de formas de manutenção e identificação cultural são também elementos marcadores da diversidade cultural, pois um mito para determinado grupo pode significar muito em termos culturais, porém para outros grupos o mesmo mito pode não dizer nada em termos de significação cultural. Essa grande diversidade nas culturas indígenas é um fator auxiliar no processo de invisibilização até mesmo da historiografia tradicional.

³ Os mitos enquanto simbologia cultural indígena será discutido mais a frente no desenvolvimento desse trabalho.

Há com certeza algumas explicações que perpassam esse processo de invisibilização. Uma explicação aqui cabível é a compreensão do processo pelo qual um povo só consegue visualizar sua cultura como o centro, ou seja, como o correto, o exemplo a ser seguido e a partir disso analisa todas as outras culturas sob a ótica de seus próprios elementos culturais. Essa explicação se define no conceito de etnocentrismo, que se resume no ato de entender que um povo tem uma visão de mundo própria de seu grupo que toma o centro de tudo e todos os outros grupos são pensados a partir dessa visão de mundo, de seus valores e regras (ROCHA, 1992).

Dessa forma, algumas culturas têm dificuldade de pensar a diferença, criam sentimentos de estranheza e medo, gerando assim desigualdades e discriminações sociais. Sob a ótica do etnocentrismo pode-se pensar esses processos sofridos pela cultura indígena, que se observada a partir da alteridade, é capaz de compreender alguns rápidos processos de ressignificações culturais, e sua importância não ressaltada no processo de formação da história social, política e cultural do Brasil.

Esse complexo processo histórico possui diversos outros elementos aqui não mencionados, pois os objetivos propostos limitam-se a exemplificação do Mito enquanto elemento simbólico de muita relevância na cultura indígena, trazendo consigo um pouco da história dessa cultura na formação da sociedade brasileira e remontando alguns autores clássicos como Levi Strauss com o fim de construir um trabalho denso teoricamente mas que seja capaz de aliar teoria e prática, uma tentativa de elucidação empírica das categorias propostas.

Entender a cultura indígena na história do Brasil e da formação de sua sociedade é fundamental para entender os elementos simbólicos culturais propostos no decorrer deste trabalho, e como estes se apresentam enquanto forma de resistência e manutenção de uma cultura na sociedade, e consequentemente na configuração étnico-cultural do Brasil.

Mito em Levi Strauss

Pertencente à escola estruturalista francesa de antropologia, o pensamento de Strauss pode ser entendido a partir da análise de suas estruturas, ou seja, o mito se apresenta como elemento constituinte de diversas estruturas, sejam elas sociais, mentais, entre outras.

No viés de uma análise sobre a estruturação social do mito para Strauss, obtêm-se o mito como derivado de um produto social na medida em que é

procedente de um determinado grupo social, portanto, esse caráter social do mito evidencia sua essência enquanto derivada de um “coletivo”, no qual sua reprodução e transmissão são construídas socialmente.

O Mito enquanto elemento cultural transmissível evidencia uma distinção importante entre os limites de mitologia e História, para destacar essa diferença tomamos o próprio Strauss:

O problema é este: onde acaba a mitologia e onde começa a História? No caso completamente novo para nós de uma História sem arquivos, sem documentos escritos, apenas existe uma tradição verbal, que aparece ao mesmo tempo como História. (STRAUSS-LEVI, 1978 - versão original-, p.37).

Como uma das obras mais abrangentes nesse campo antropológico, e como Strauss propriamente deseja que seja, a definição de mito se constitui por meio da análise de aspectos variados, e nesse sentido entra um pouco no campo da subjetividade no momento em que possibilita interpretações difusas sobre um conceito que, *a priori*, até se mostra simples, mas Strauss mostra sua dimensão e pluralidade. Pluralidade essa vista nas questões como sagrado e profano, a matriz de contrastes do cru e cozido.

Todos são possíveis objetos de análise, mas esse trabalho visa apenas trazer conceitos principais da mitologia em Levi Strauss, com o fim de servir de base teórica para análise do mito indígena da Vitória-Régia. Ainda assim algumas orientações filosóficas de pensamento possuem outra linha de pensamento acerca da questão do mito. A tradição filosófica entende que o mito é apenas uma fase do espírito humano e da civilização que antecedia a descoberta da lógica ou do pensamento lógico, considerado nesse caso, como uma etapa posterior e evoluída do pensamento da e da civilização.

Essa linha de abordagem filosófica põe o mito em uma situação de inferioridade, a partir do momento em que o considera pertencente a uma civilização “primitiva”, enquanto o pensamento lógico evidenciava culturas “superiores” (CHAUI, 1997). Um problema decorrente disso seria a atual concepção etnocêntrica ocidental de que determinadas culturas são mais avançadas e superiores, subjugando a cultura indígena de forma geral sempre como primitiva e menos avançada.

Um dos principais objetos de estudo de Levi Strauss é o “pensamento selvagem” e ele o estuda para mostrar que não existe superioridade ou atraso e sim que essa cultura opera com o pensamento mítico, ou seja, possui toda uma

significação simbólica e cultural norteadas pelo mito enquanto forma de pensamento e construção subjetiva do ser e do coletivo.

Para o antropólogo francês existe ainda uma forma de estruturação para facilitar a compreensão desse pensamento mítico, pois a constituição do mesmo nada mais é do que a união de relatos, experiências e narrativas culturais de uma determinada sociedade, diferentes culturas. O mito ainda constitui como possuidor de três características principais, são elas a função explicativa, a função organizativa e a função compensatória.

A primeira compreende a função mítica de explicar algum fato ocorrido no passado cuja importância se mantém com o decorrer do tempo. A segunda se apresenta no momento em que o mito também é capaz de organizar a construção social, seja ela de relações sociais, ou qualquer interação que permita a manutenção de uma ordem vigente num sistema de proibições, tabus ou permissões. Já a última característica é aquela que evidencia o caráter compensatório do mito, ou seja, narra um acontecido passado, negando o presente e legitimando um erro cometido que pode ser corrigido no presente, permite assim certa regularidade da vida cotidiana.⁴

Uma compreensão sólida e estática do mito, dentro das possibilidades apresentadas se torna inviável, e até mesmo impossível, pois assim como Strauss deseja que se compreenda o mito como elemento dinâmico, subjetivo e intrínseco da cultura. O mito muito além de uma simples acepção cultural é elemento organizacional estrutural, seja no campo cultural, seja no campo mental, é uma forma de organizar, manter e legitimar culturas e construções culturais distintas.

Assim, foram aqui apresentadas algumas das diversas possibilidades que abrangem um campo de estudo sobre o pensamento mítico. A filosofia, a antropologia, a arqueologia, a geografia, a história, seja qual for a linha de orientação teórico-metodológica o mito sempre terá definições e compreensões distintas. Este trabalho toma por base apenas algumas observações filosóficas e antropológicas sobre o tema, mas em momento algum deve se limitar a apenas uma orientação, ou superioridade por qualquer parte.

O Mito na cultura indígena

As sociedades indígenas sempre mantiveram uma forte conexão com o meio em que habitam por isso as tradições indígenas são ricas no que se

⁴ Conceitos retirados de Marilena Chauí (ver referências).

refere à produção cultural. Na cultura indígena, como nas demais culturas, o mito surge como forma de explicação do homem para compreender e dar sentido ao mundo e toda sua criação. Assim, os mitos em geral, explicam a origem das coisas, como certos alimentos, práticas culturais, como a agricultura, e fenômenos naturais, como o trovão e os eclipses.

Como é o caso do mito de Adônis, não sendo da cultura indígena, mas que tem ligações com a natureza e seus fenômenos assim como nos povos indígenas e o mito da Vitória-régia. A história é contada através do mito e do culto de Adônis, deus do Mediterrâneo antigo, cuja morte e ressurreição anuais estavam particularmente associadas à morte da natureza no outono e ao seu renascimento na primavera. A ligação entre Adônis e o rei do bosque está no fato de que ambos tinham de morrer para preservar o poder de reprodução da natureza. Mas outra ligação entre eles está em que, embora fossem ambos mortais, eram parceiros de deusas imortais. Essa associação é fundamental porque, pela imitação, o intercuro dos sexos assegura a fertilidade da natureza. E a deusa que chora a morte de seu amante e se regozija com seu nascimento na primavera espelha a ordem das estações.

Os povos indígenas por serem uma população que até pouco tempo não registravam seus conhecimentos na forma de textos escritos, tinham então, seu principal meio de transmitir seus saberes por meio da fala. Sendo então, os mitos o principal meio de difusão do aprendizado, tendo o poder de doutrinar os índios jovens.

Em cada grupo indígena, há pessoas que se destacam na arte de contar mitos. São geralmente pessoas mais velhas, que possuem um grande conhecimento das tradições culturais de seu povo. É bastante comum que xamãs, pajés ou mestres cantores sejam esses sábios narradores. Suas histórias são apreciadas por toda a comunidade.

Muitos dos mitos indígenas foram criados, de fato, a partir de fatos verídicos, acontecidos nas regiões onde viveram seus heróis antepassados, que se sobressaíram dentre os membros de sua tribo, pelo poder, beleza, bondade, caridade, ou outros feitos, e tornaram-se encantados. Outros referem-se à flora e fauna da região, pois segundo suas crenças, tanto as plantas como os animais, os rios, os igarapés, os lagos, as cachoeiras e o mar, possuem os seus protetores que exigem respeito e inspiram temor. Porém, geralmente cada povo indígena tem seus próprios mitos, e assim, o mesmo mito pode possuir diferentes versões em cada tribo, mostrando a identidade de cada povo através de como o mito é contado.

Assim, atribui-se o sentido subjetivo particular a cada mito, ressaltando aspectos trazidos por Strauss de como se dá a formulação e construção do pensamento mítico, valorizando e categorizando cada cultura com a abstração de diferentes representações simbólicas, sejam elas com base no real, ou criadas a partir somente de conotações subjetivas da mente.

O contato dos povos indígenas com comunidades próximas tornou algumas destes mitos conhecidas, de modo que foram absorvidas pela cultura regional brasileira, tendo grande importância para a formação do indivíduo como parte do corpo social. Isso que explica a pesquisadora e curadora do Museu do Índio do Rio de Janeiro, Chang Whang⁵:

Esses mitos, transmitidos oralmente, de geração a geração, são muito importantes na formação do indivíduo social, pois fornecem coesão simbólica à percepção do indivíduo como parte de um corpo social, reforçando sua identidade étnica. Desde tempos imemoriais, os mitos descrevem eventos que se dão no mundo indígena, e a floresta é o elemento concreto, visível e tangível desse mundo.

Assim, é de suma importância a cultura indígena para todo povo brasileiro, já que essa, sempre esteve presente na história do Brasil desde os primórdios, influenciando constantemente nas tradições do país, permitindo então, um conhecimento de si próprio. Sendo a preservação destas culturas a única fonte de continuidade que se pode ter.

As três versões do mito Vitória-Régia

A descrição de ritos e mitos é extensa numa perspectiva da cultura indígena e de toda a base teórica que a antropologia nos oferece. Um mito, ou um ritual místico pode ter mais de uma versão e diferentes interpretações para as quais Strauss afirma que cada cultura, cada pensante pode realizar diferentes interpretações sobre um mesmo mito, ou produzir diferentes versões sobre a existência do mesmo, isso se dá, pois a construção de mitos acontece no campo de pensamento, ou seja, uma construção muitas vezes subjetiva de pensamento e imaginação.

A construção cultural não é a única responsável nesse processo, é preciso saber desconstruir dicotomias e dualismos, a cultura não é restrita aos homens e

⁵Entrevista retirada do site do Museu do Índio. Ver referências.

a natureza está estreitamente relacionada a ela. Assim o mito é a edificação da existência de natureza e cultura, da superação de dicotomias, do cru e do cozido. Dicotomia que Descola afirma em seu texto que devem ser superadas, pois Strauss não nos permite confrontá-las e sim propor interpretações nas quais se entendam o caráter subjetivo explicativo, de que em vez de uma simples oposição, evidenciem-se elementos da natureza e da cultura, uma aproximação entre dois pólos (DESCOLA, 2011).

O Mito da Vitória-Régia é derivado da cultura indígena, originado nesse caso da região Norte do Brasil, um mito que evidencia elementos característicos dos índios, como a Lua, a moça da tribo, a floresta e a natureza como habitat e a força dessa relação de convívio entre natureza e ser humano.

Nesse mito é descrita a história de uma índia chamada Naiá, e sua relação de adoração e paixão para com a Lua, chamada Jacy, essa paixão deu origem ao surgimento da planta Vitória-Régia, uma planta aquática que até hoje existe e abrilhanta lagos e lagoas em várias partes do país. Mesmo se tratando dessa história tradicional de paixão, o mito possui três versões distintas sobre como a história realmente ocorreu.

A primeira versão diz que a história começa índia Naiá. Ela era apaixonada pela Lua, entendida como um deus masculino, um jovem e bonito guerreiro. A índia passava as noites correndo pelas matas, perseguindo o amado, e nada a fazia desistir da obsessão de encontrá-lo. Certo dia, Naiá estava à beira de uma lagoa quando viu a imagem do seu amado refletida nas águas. Logo em seguida mergulhou para encontrá-lo e morreu afogada.

Abalado pelo ocorrido Jacy tentou compensar o sacrifício de Naiá, e transformou-a assim em uma estrela das águas, uma verdadeira exuberância de beleza e perfume. Depois disso, dilatou a palma de suas folhas, para que pudessem receber melhor os afagos de sua luz. E, para acolher os raios de luar a Lua fez com que as flores da vitória-régia abrissem somente à noite, exalando dessa forma seu aroma maravilhoso.

Já a segunda versão diz que a Lua tinha poderes extraordinários e podia transformar as índias em estrelas. Havia uma índia que desejava muito se transformar em uma estrela, para poder ficar mais perto da Lua, sua grande paixão. Tentando alcançá-la, todas as noites ela subia nos morros e montanhas chamando pela Lua, porém, todos os seus esforços eram inúteis até certo dia quando a índia percebeu não somente o reflexo da Lua, como ouviu seu canto, vindo do fundo das águas. Acreditando ser o amado lhe chamando, a índia atirou-se no igarapé e nunca mais retornou à superfície. Como que não

acreditando na situação, a Lua transformou a índia em uma bela estrela d'água na Terra, a Vitória-Régia.

A última história que também versa sobre esse mito acredita que Naiá, a bela índia, adorava observar as estrelas, foi assim que se apaixonou pela Lua, Jacy, e assim todas as noites ia até a margem do rio e ficava observando a Lua brilhar lá no céu, cantando e até subindo nas árvores na tentativa de alcançar o amado. Certo dia Naiá entrou na água pensando estar abraçando seu amado, alguns membros da aldeia tentaram impedi-la, mas ela foi mergulhando até desaparecer e morrer afogada. Logo em seguida for surgindo uma luz brilhante que se transformou numa planta que exalava um lindo perfume, todas as noites a planta abria suas pétalas para receber o carinho do amado, assim originou-se a Vitória-Régia. Essa planta possui representatividade na cultura indígena, pois até seu tubérculo é usado para alimentação, e usam suas raízes para extrair uma tinta preta e pintar seus cabelos.

Esse mito é ao mesmo tempo em que derivado de pensamento, um elemento perpetuador de elementos culturais, uma linha tênue da ligação entre a cultura indígena e a natureza, uma forma de manutenção cultural histórica transmitida. Portanto, Strauss é brilhante quando diz que um mito é derivado de imaginações, do mundo dos pensamentos, por seu um elemento simbólico, mas ao mesmo tempo possui função organizativa e mantenedora.

A estruturação do mito desenvolve-se com a história, com a antropologia, com a filosofia e com qualquer outra área que seja capaz de identificar o mito enquanto elemento particular, identitário, histórico e cultural de sociedades e comunidades, nesse caso, a cultura indígena como principal expoente desse tipo de diversidade para pesquisas e análises.

Considerações Finais

O principal objetivo desse trabalho era observar e discorrer sobre um mito importante na cultura indígena, o Mito da Vitória-Régia. Para tanto foram utilizados, principalmente, conceitos do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, assim como outros campos do conhecimento como forma de base teórica para além de uma simples análise do mito, uma forma de reconhecimento da importância desse e de qualquer outro mito como forma de identidade cultural, com recorte na cultura indígena, que muitas vezes é apagada do cenário cultural do país.

O Brasil é um país no qual os primeiros habitantes são os índios, durante muitos anos escravizados e sofrendo intenso processo de aculturação por diferentes povos colonizadores no decorrer de sua história. O respeito, a dignidade, o reconhecimento e o conhecimento para com tal cultura vão se apagando na história do país.

Observar elementos dessa cultura, como por exemplo, os mitos, vai muito além de um trabalho teórico de análise conceitual de Strauss, é uma tentativa de aplicar sua grande produção acadêmica num problema vigente na sociedade contemporânea. Inserindo o autor no seu contexto de publicação, esse trabalho trouxe conceitos e discussões propostas por Strauss na análise do Mito da Vitória-Régia e sua constituição dentro da cultura indígena. Mas também buscou teorizar suas análises em outros campos de conhecimento e em outras linhas teóricas com o fim de construir uma análise mais sólida e completa.

A história desse país começa e termina sempre na cultura indígena, a aculturação, a escravização, a falta de dignidade humana não deve sobressair o reconhecimento de cultura rica de símbolos, respeito e aprendizado, seja na relação entre homem e natureza, seja na relação entre diferentes povos. Deve-se esse respeito, essa admiração e esse reconhecimento a todas as diversas manifestações de culturas indígenas presentes no Brasil.

Referências

- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. 8. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997. **Conceito de Mito**. Disponível em: <<http://conceito.de/mito>>. Acesso em: 03 de maio de 2016.
- DESCOLA, Philippe. **As duas naturezas de Lévi-Strauss**. Revista Sociologia & Antropologia, v. 01, n. 02, 2011. Disponível em: <http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/pdfs/ano1v2_artigo_philippe-descola.pdf>. Acesso em: 15 de jul. de 2018.
- Mitos e lendas da cultura indígena. Disponível em: <<http://prodoc.museudoindio.gov.br/noticias/retorno-de-midia/68-mitos-e-lendas-da-cultura-indigena>>. Acesso em: 28 de jun. de 2018.
- MUNDURUKU, Daniel. **Histórias de índio**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo**. Edição Integral. São Paulo: Primeiros Passos, 1992.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. Disponível em: <<https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/ilhas-de-histoc81ria-marshall-sahlins.pdf>>. Acesso em: 31 de ago. de 2018.

Sobre Mito e Significado (1978) de C. Lévi-Strauss. Disponível em: <<https://stormblast.wordpress.com/2010/10/24/sobre-mito-e-significado-1978-de-c-levi-strauss/>>. Acesso em: 03 de maio de 2018.

STRAUSS, Claude Lévi. **A estrutura dos mitos**. 1955. In: Antropologia Estrutural.

STRAUSS, Claude Lévi. **Mito e Significado**. Coletivo Sabotagem, 1978 (versão original). Disponível em: <<http://200.144.182.130/cje/anexos/pierre/LEVISTRAUSSCMitoesignificado.pdf>>. Acesso em: 03 de maio de 2018.

SZTUTMAN, Renato. **Natureza & Cultura, versão americanista – Um sobrevoo**. Revista Ponto Urbe, 2009. Disponível em: <<http://www.pontourbe.net/04/sztutman-pu4.html>>. Acesso em: 20 de jul. de 2018.

VAINSENER, Semira Adler. **Vitória-Régia. Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco: Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 17 de jun. de 2018.

The Victoria-Regia myth

ABSTRACT

This article aims to discuss a little about the indigenous myth of Vitória-Régia based mainly on the works of the French anthropologist Claude Lévi Strauss. Firstly, a discussion was made about the greatest possible complexity of conceptualizations about what would be Myth for Strauss, also using some concepts and analyzes made by other fields of knowledge and authors about the subject. Subsequent to this analysis, a discussion is presented on the importance of the myth within the indigenous culture, and the representation of three main versions of how the myth of Vitória-Régia constitutes for the Indians. The myth as a symbol of the construction of identity and belonging in indigenous culture, the relation between science and myth evidences a multiconceptual and multidisciplinary analysis that aims at the comprehension of as many concepts as possible to elucidate the importance of respect and study of indigenous culture as the former formative of Brazilian society, often erased from traditional historiography and social analyzes.

Keywords: myth, Victoria-Regia, Levi Strauss, indigenous culture.